

HISTORIA DE UMA VIDA

COMUNIDADE

INTERCONGREGACIONAL

Ir. Maria Goreth
Ribeiro dos Santos, STJ*

Fazendo referência à intercongregacionalidade, o Papa Francisco ressalta o que espera da Vida Consagrada:

... espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da autorreferencialidade.” (Papa Francisco, 2014, p. 20 e 21)¹ “...espero que saibais, sem vos perder em vãs «utopias», criar «outros lugares» onde se viva a lógica evangélica do dom, da

Religiosa da Congregação Companhia Santa Teresa de Jesus. Nascida Brasil - Brasília. Curso: Assistente Social no Brasil. Cinco anos de missionária no Haiti.

¹ Papa Francisco. Carta Apostólica às Pessoas Consagradas. São Paulo: Paulinas

fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco...” (Papa Francisco p. 18 e 19)² Qual o medo que temos e vivemos quando falamos em intercongregacionalidade em nossa vida e missão? (Palermo, 2015, p. 656)³

Deus não faz nada por acaso, Ele nos vai preparando, abrindo caminhos, suscitando desejos, formulando interrogações. Não existe caminho, pouco a pouco o caminho se faz, Deus vai chegando de mansinho. “Deus não estava no furacão, não estava no vento, não estava no terremoto, não estava no fogo... depois do fogo ouviu-se uma brisa suave e Elias sentiu a presença de Deus” (1Rs 19,11-12).

Deus tem seus caminhos, só precisamos estar abertas/os e atentas/os aos seus sinais, mantendo-nos centradas/os em Jesus Cristo deixando-nos evangelizar pelos que sofrem.

Em 2011 a Irmã Márian Ambrosio, quando era presidente da CRB, participou da assembleia de Religiosas/os da Regional de Porto Alegre. Uma noite falou so-

bre o Haiti. E aí Deus me agarrou pela cabeça e pelo coração, senti meu coração arder e palpitar fortemente. “Sai da tua terra e vai para a terra que eu vou te mostrar.” (Gn 12,1-2). Sai além-fronteiras, o lugar ao qual te levarei é terra sagrada.

Pareceu-me meio contraditório ser o Haiti a terra prometida que se apresentava, ao escutar a experiência da Irmã Márian, uma terra devastada pelo terremoto, onde corria dor, sangue e fome. A fome era de tal proporção que desumanizava e machucava crianças, jovens e mulheres.

A terra prometida eram as próprias pessoas. “Tira as tuas vertes de egoísmo, de discursos prosaicos, e vai...”, era essa a voz que fazia eco dentro de mim. E o texto de Mt 10,37ss me atormentava: “quem amar seu pai e sua mãe mais que a mim não é digno de mim; quem não toma a sua cruz para seguir-me não é digno de mim”, e mais adiante Jesus continua a falar fortemente aos seus discípulos, e naquele dia senti que falava também a mim, a menor de todas as suas discípulas, pequena, frágil e tão pe-

² Papa Francisco. Carta Apostólica às Pessoas Consagradas. São Paulo: Paulinas

³ Vera Palermo. Ano da Vida Consagrada e a Intercongregacionalidade. Convergência, No 485, outubro 2015.

cadora. Continua Ele: “Quem der de beber um copo de água fresca a um destes pequenos, por sua condição de discípulos/os, Eu vos asseguro que não perderá sua recompensa”. Logo depois no capítulo 11,1, quando Jesus terminou, o texto diz que os discípulos partiram dali para ensinar e pregar por aquelas cidades.

O encontro com o Mestre desinstalou os seus discípulos, pois ninguém ao ouvir tal palavra consegue continuar em sua zona de conforto.

Este texto me encorajou a deixar tudo por mais difícil que parecia. Tudo se tornou completamente relativo diante de tamanha urgência, ao ver o ser humano que sofre as consequências do nosso egoísmo, que provoca a degradação da natureza, com terremotos, maremotos e tantos outros desastres de proporções inexplicáveis. O Haiti sofria as dores do terremoto de 2010, que deixou inúmeros mortos e milhares de feridos. O País mais pobre das Américas e do Caribe tornou-se a terra prometida.

Assim me sentia em meio a muitos questionamentos, e quanto mais pensava, mais o medo

me possuía e me veio à mente o texto de Mc 4,40. No meio da tempestade, Jesus perguntou aos discípulos: “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Eu estou convosco, era isso que Ele me dizia, Eu estou convosco, e assim me sentia como as ondas que se acalmaram ao ouvir a voz do Mestre, depois de uma grande tempestade, ou de um maremoto que tudo revira. Ele acalma, suaviza, e nos coloca no colo como um pastor.

Sua palavra aquecia meu coração e me transformava por dentro, acalmava o mar que estava revoltado dentro de mim. A memória do encontro com Ele me fez entrar no repouso do seu grande amor. “Tu te agitas e te preocupas com muitas coisas” (Lc,10 41). O encontro com Jesus me descentralizou de mim mesma e me fez sair de minhas fronteiras pessoais e familiares e ir além-fronteiras, onde a Vida estava tão ameaçada.

O Papa Francisco, em sua carta às/aos religiosas/os, nos diz que

...a relação com Jesus Cristo pede para ser alimentada pela inquietação da busca. Ela nos torna conscientes da gratuidade do Dom da vocação e nos

ajuda a justificar as motivações que causaram a escolha inicial e que permanecem na perseverança: “Deixar-se conquistar por Cristo significa tender sempre para aquilo que está na minha frente, para a meta de Cristo (cf. Fl 3,14)⁴

Intercongregacionalidade:

Novas possibilidades na convivência cotidiana

Foi uma graça poder conviver com 12 congregações diferentes. A riqueza de todos os carismas proporciona uma abertura de horizontes para ver além.

Senti a força da transformação que os carismas têm em nossa vida, cada um com sua peculiaridade própria, com seus fundadores e fundadoras que transformaram e revolucionaram uma época, e o mais importante: tocaram no coração das pessoas e tiveram muitos seguidores.

No primeiro ano, convivi com seis congregações diferentes e cada Irmã de um Estado diferente do Brasil, uma riqueza de culturas sulistas, nordestinas, do nor-

te, do sudeste e do centro-oeste partilhando culinárias, danças e folclore típicos de cada região. Senti-me muito acolhida, cada uma com seu modo de ser fazia o possível para que pudesse me adaptar. No começo não foi fácil a adaptação na comunidade da missão, pois a língua falada pelos pobres é o crioulo haitiano.

Passados alguns meses, começaram os desafios comunitários, éramos muito diferentes em idade e temperamento. Tivemos que sentar-nos inúmeras vezes para nos organizar. E em nossas reuniões abrimos espaços para fazer algumas avaliações e a leitura orante, através da qual a Palavra nos conduzia e iluminava a partilha de vida e as visões diferentes de evangelização e missão. Assim fomos crescendo, errando e perdoando-nos inúmeras vezes para avançarmos e aprendermos a conviver com nossas diferenças.

Os pobres nos questionavam, não tínhamos o direito de estar perdendo muito tempo conosco mesmas, com nossos conflitos pessoais que, muitas vezes, refletem na convivência comunitária e no seguir em frente, “ Basta-

⁴ ALEGRAI-VOS. Carta circular aos consagrados e às consagradas do magistério do Papa Francisco, pg 22.

te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza”(2Cor 12,9). E a nossa comunidade tinha que prosseguir. Buscávamos ser, em uma realidade tão marcada por toda espécie de sofrimento, sinais do amor de Deus e luz na caminhada de muitos que nos procuravam já sem esperança. Tínhamos a cada dia crianças, jovens, mulheres que passavam um, dois, três dias sem comer, habitavam em lonas, dormiam no chão duro e frio, e muitas vezes sofriam com as chuvas e com os horrores dos fortes ciclones que levavam tudo que estava pela frente.

Crianças e jovens sofrem violências corporais e sexuais, crianças têm que deixar a vida no interior na Esperança de estudar na capital Porto Príncipe e são mantidas como restavek.

(Restaveks são crianças privadas dos seus direitos mais elementares, condenadas a viver ao abrigo da violência física e dos abusos sexuais, assinala Njanja Fassu, funcionária da Unicef no Haiti. Restaveks são frequentemente violados pelo pai e pelos filhos da família anfitriã. Se ficam grávidas, as meninas são abandonadas na rua. E, quem sabe, talvez os seus

filhos venham a ser utilizados, no momento apropriado, como domésticos, pequenos escravos.) A Página da Educação é uma revista online semestral. Propriedade da PROFEDIÇÕES, Lda.

Diante dessa realidade tão dura as nossas relações egoístas e individualistas perdiam forças, e as nossas energias eram canalizadas para a missão de levar as mulheres, crianças e jovens à consolação de Deus, testemunhar o seu amor e a sua ternura e misericórdia, ser um sinal de esperança. Os pobres nos convertem, ajudam-nos a crescermos nas nossas relações fraternas, no amor e na misericórdia. Quando estamos em uma situação extrema não só Evangelizamos, mas somos Evangelizadas/os.

A esperança que move

No segundo ano praticamente trocou toda a comunidade, pois as Irmãs completaram os três anos de missão, e era esse o compromisso das congregações com a CRB Nacional. Cada Irmã permanecia por três anos no projeto. E começou novamente, para mim e para quem estava chegando, novo processo de adaptação.

Tínhamos como mística da intercongregacionalidade o texto de “Vi a opressão do meu povo, ouvi suas queixas contra seus opressores, prestei atenção aos seus sofrimentos. E desci para livrá-lo” (Ex 3,1ss).

Esta é a mística que fundamenta nossa comunidade e missão, é em nome do povo que fomos chamadas a colocar nossa vida a serviço, fomos chamadas a viver em comunidade para sermos testemunhas que o amor fraterno é possível, que vale a pena vivermos como Irmãs em vista de um projeto maior. Em Jo 13,12-15, Jesus nos chama a fazer a experiência do amor, a viver com humildade colocando nossa vida a serviço.

Quando em nós surge um espírito de poder de dominação, Ele nos chama a ser servas e não mestras, a lavar-nos os pés umas das outras, a viver a correção fraterna como Irmãs e não como superiores. Fomos fazendo entre nós esse exercício com vivências práticas nas trocas de responsabilidades vivendo relações mais circulares.

A vida no cotidiano nos desafia. Chegam até nós crianças no

último grau de desnutrição, muitas delas em estado que já não conseguimos ajudar. As crianças que participam no curso de artesanatos e de infância missionária nos contam que estão a um dia, dois e às vezes três dias sem comer. Pessoas que perderam todos os parentes próximos como irmãs/os, pai e mãe e que estão sozinhas, um número alto de idosos abandonados, jovens sem esperança, sem perspectiva de trabalho.

A missão é árdua e é na comunidade que conseguimos reestabelecer nossas forças, partilhar nossas angústias e esperanças, refazer nossas forças e continuar inteiras para dar o melhor de nós mesmas aos prediletos de Deus, o povo eleito e escolhido para fazer e selar uma aliança de amor.

Tudo é graça e possibilidades

Temos nossos dias de lazer, dançamos, escutamos músicas brasileiras, jogamos xadrez, fazemos pipocas e olhamos um bom filme juntas. Tudo isso nos revitaliza e nos faz experimentar a alegria de vivermos como Irmãs.

Temos dias reservados para as festas importantes das congrega-

ções, com direito a bolos e outros quitutes feitos com criatividade e muito carinho. Apreendemos a fazer festas e a viver com quase nada e somos felizes. Creio que é na simplicidade do cotidiano que se vive a alegria de sermos missionárias. A partilha do carisma com simplicidade e profundidade é para cada uma inspiração e compromisso de Missão. Conhecer fundadoras/es tão determinadas/os a viver o Evangelho com radicalidade e entrega tão generosa de serviço aos pobres e sofredores de sua época ajuda-nos a renovar o compromisso de nossa consagração.

Apreendi que a simplicidade, o diálogo sincero e o perdão tocam o coração e fazem a diferença na vida comunitária. A leveza nas relações e a experiência profunda com Jesus em águas mais profundas nos tornam mulheres e homens de Deus que vivem a consagração com alegria e fidelidade, com um espírito missionário que nasce da fé e que torna a vida comunhão profunda do amor com Jesus, que se prolonga na comunhão de amor fraterno.

Alegria da intercongregacionalidade como uma das mais belas possibilidades missionárias.

Após cinco anos de missão, temos muitas alegrias que nos motivam e afirmam que Cristo continua fazendo maravilhas lá onde a vida é extremamente machucada e faz surgir os frutos a partir da formação de lideranças.

A Esperança começa a renascer nos jovens, nas mulheres, nas crianças. O projeto de apadrinhamento realiza o sonho de retornar à escola. Reconhecemos a alegria imensa das crianças e das mães que já fazem e utilizam a multimistura como combate a desnutrição infantil. A Vida está superando a Morte. A infância missionária que leva a palavra de conforto em algumas famílias já é uma realidade. É muito boa a parceria da cozinha comunitária com os padres Carlistas, onde o povo pode comprar comida de forma simbólica, saindo da situação de fome extrema. A alegria dos jovens que trabalham com artesanatos de coco e garrafas PET e na fabricação de vassouras, contribuindo

assim para a situação degradante do meio ambiente é outro sinal de vida. E temos que valorizar as Mulheres da Economia Solidária, que começam a visualizar novas perspectivas de trabalho solidário de uma economia mais inclusiva e participativa, saindo aos poucos de uma posição de mendicância.

Vida Religiosa, avance para águas mais profundas, nossos fundadores e fundadoras foram pessoas incríveis em suas épocas, tocaram o coração das pessoas, aceitaram os desafios, souberam ler os sinais dos tempos com sabedoria e coragem e responderam com um espírito profético aos apelos da Igreja e da sociedade de seu tempo. Correram riscos, viveram a pobreza extrema e responderam com tanta ousadia às novas frentes. Trabalhando, orando e acolhendo os pobres dentre os mais pobres de suas épocas: mulheres, enfermos, órfãos e idosos e todos os que se encontravam em extrema situação de vulnerabilidade social, etc. Foram verdadeiras/os Profetas e Especialistas no Amor de Deus.

Fundaram uma nova Era do Amor, a era da entrega gratuita aos pobres dentre os pobres, cresceram, multiplicaram-se da

Europa à América, da América à Ásia, da Ásia à África. Viveram a alegria de ser discípulas/os missionárias/os, contagiaram corações jovens que as/os seguiram. E hoje a quem contagiamos? Onde está a nossa Alegria?

Agradecimentos

Agradeço à CRB Nacional, hoje na pessoa da Irmã Maria Inês Ribeiro, e à CNBB por fazer possível esta experiência e tantas outras; agradeço também à minha congregação por me apoiar e me liberar para viver esta experiência.

Agradeço de forma muito especial às Irmãs que estão atualmente vivendo comigo na comunidade intercongregacional do Haiti. Com vocês tenho apreendido e crescido na entrega e consagração. Vocês são especiais na minha vida, e é uma graça e um Dom de Deus fazer comunidade com vocês, partilhar a vida, o carisma e fortalecer a amizade, apoiar-nos e nos abraçar no medo, com palavras de conforto e de força, alegrar-nos na alegria da festa de nossas congregações, e chorarmos na dor, na perda de alguns de nossos familiares, na perda de crianças e mulheres Haitianas que se foram tão rápido por falta de recursos,

na dor de nossas limitações frente aos desafios. Tudo isso fez com que a nossa vida e a nossa convivência se tornassem muito intensas. E tudo isso fortaleceu nossos laços de irmandade, de amigas e companheiras, de mulheres consagradas para o Reino.

E finalizo esta minha reflexão com as palavras de João XII: “Missão se faz com os joelhos dos que rezam, as mãos dos que doam e os pés dos que partem”.